

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Precos da assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	à entrega
Portugal (franco de porte. m. forte)	33800	16900	8950	5120
Possessões ultramarinas (idem)	46000	23000	—	—
Extrang. (união geral dos correios)	55000	28500	—	—

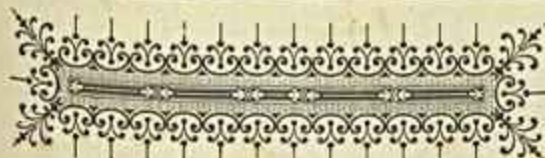
14.º ANNO — VOLUME XIV — N.º 455

11 DE AGOSTO DE 1891

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LIBRERIA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS. 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados de seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável: Cactano Alberto da Silva.



CHRONICA OCCIDENTAL

Ha um dictado que diz: «Perdigão perdeu a penna, não ha mal que lhe não chegue».

O nosso pobre paiz, coitado! está perdigão como todos os demónios.

O perder a penna foi para elle a tristissima questão do *ultimatum*, e d'ahi para cá não tem havido mal que lhe não tenha chegado.

Agora como se a questão financeira e a questão monetaria não fossem já bastantes, chegou-se-lhe a questão do gaz.

Era de ha muito prevista esta questão, ou para melhor dizer a questão não estava prevista, mas estava o o motivo que a originou: o — augmento do preço.

Durante annos o gaz, descendo successivamente de preço — mercê da concorrência entre a nova companhia e a velha, — chegára a um preço excepcionalmente, quasi que inverosimilmente, barato.

Para fazerem mal uma á outra as duas companhias foram baixando, baixando as suas tabellas, como os talhos da praça da Figueira em occasião de rivalidades, e o lisboeta pôde gabar-se de ter tido durante meses o gaz por um preço como em parte nenhuma ninguém se alumia com elle.

Era claro que esse bem não podia ser de muita dura, porque se qualquer das companhias fazia assim mal á outra, fazia tambem ao mesmo tempo mal a si, mal que por calculo ou por capricho se pode aguentar algum tem-

po, mas que prolongando-se havia de trazer fatalmente n'um periodo mais ou menos remoto a morte d'essas companhias.

E toda a gente sabia que essa barateza excepcional no preço do gaz não podia deixar de ser transitoria, por que o epilogo d'essa batalha travada entre as duas companhias, batalha de que o consumidor era o *tertio* do aphorismo, havia de ser ou uma d'ellas ficar vencida, recolher-se a bastidores e ficar a outra só em campo, ou chegarem a um accordo, e fundirem-se n'uma unica companhia.

E em qualquer dos casos, o consumidor que até então ganhava, era fatalmente o que tinha a perder.

Só em campo, não temendo a concorrência, não tendo que disputar a uma rival os seus clientes, essa companhia victoriosa deixaria de usar da arma com que para matar a outra se feria a si, e o preço do gaz subiria logo, e o consumidor não teria remedio senão pagar as favas.

Esse momento chegou agora. Não se realisou a hypothese de uma das companhias morrer; realisou-se a outra, a das companhias se casarem.

Casaram-se e o primeiro fructo d'esse matrimonio foi a elevação do preço do gaz, e o segundo a elevação do preço do carvão.

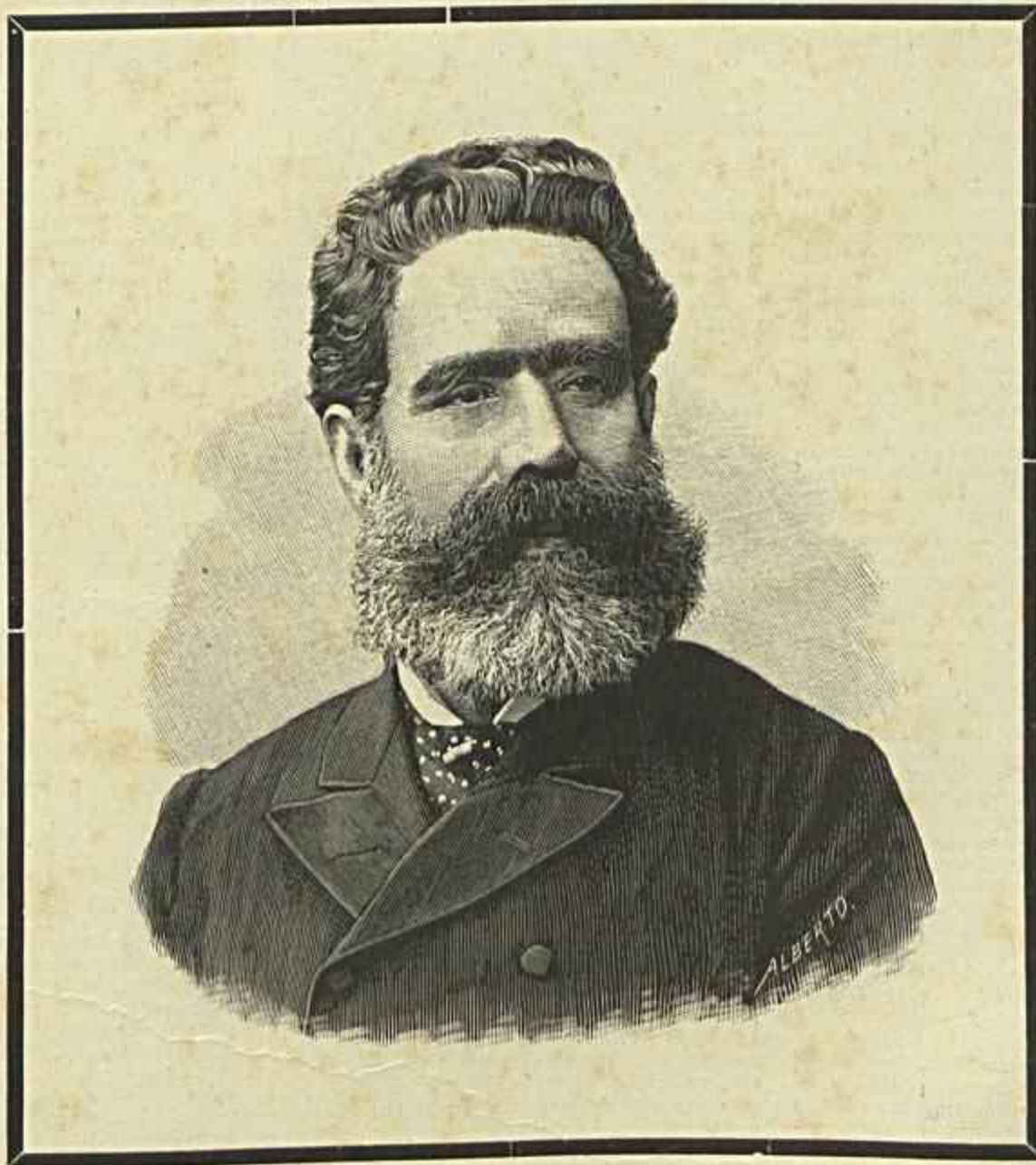
Evidentemente o preço do gaz estava muito baixo, e as companhias para se prejudicarem uma á outra se prejudicavam a si proprias não podiam, terminada a lucta, manter esses preços, que lhes davam prejuizo e prejuizo grande, e elevaram n'os, no que estavam no seu plenissimo direito.

O consumidor habituado ao preço baixo recebeu mal essa elevação, e o commercio entendeu, no uso tambem do seu direito, dever não estar pelos ajustes.

E d'ahi a grêve dos lojistas contra o gaz.

Foi essa a forma que a Associação dos Lojistas de Lisboa escolheu para o seu protesto.

Não sabemos se a Associação estudou o assumpto para saber se effectivamente era exorbitante o preço que a companhia pedia agora pelo gaz, ou substituiu esse estudo pela comparação entre o preço de hontem e o preço de hoje, não sabemos se a Associação dos Logistas nomeou alguma comissão que expozesse á companhia do gaz o protesto colectivo dos lojistas de Lisboa contra a elevação de preço, e tentasse



DR. LOURENÇO D'ALMEIDA AZEVEDO — FALLECIDO EM 18 DE JUNHO DE 1891

(Segundo uma photographia do photographo amator sr. Carlos Relvas)

chegar com ella a um accordo, mas o que sabemos é que a Associação dos Lojistas em presença do augmento do preço do gaz resolveu prescindir de gaz nos seus estabelecimentos.

Até aqui muito bem.

A companhia augmentou o preço do gaz e estava no seu direito: o consumidor não quiz estar por esse augmento e resolveu substituir o gaz por petroleo, azeite, stearina ou luz electrica, ou não o substituir por coisa nenhuma, e fechar ao anoitecer as suas portas, e estava no seu direito igualmente.

A companhia augmentando o preço do gaz, attendeu aos seus interesses: os lojistas fechando as portas ao anoitecer para não usarem do gaz attenderam aos seus interesses tambem, e os unicos interesses que não tiveram quem por elles olhasse foram os interesses do publico, lesado de um lado pelo augmento do preço do gaz, lesado do outro lado pelo encerramento das lojas á noite.

O que se deve confessar, é que os lojistas de Lisboa deram n'esta greve um exemplo rarissimo de solidariedade e de união; e foi essa unanimidade que lhe deu e que lhe dá toda a sua importancia, porque é inegavel que a greve dos lojistas contra o gaz tem uma importancia e um alcance, que ao principio ninguem suspeitava, costumados como estamos todos em Lisboa a ver a falta de união, que ha em todas as manifestações, a falta de tenacidade, de persistencia, que ha em todos os protestos.

Pode dizer-se que a greve é geral ha oito dias, pois apontam-se a dedo os estabelecimentos que a ella não adheriram.

Ora foi exactamente por causa d'esses estabelecimentos que a greve se inaugurou com tumultos e arruaças que deram muito que fallar, e a que felizmente a energia das auctoridades conseguiu logo dominar, affogando-a á nascença.

Os lojistas que quizeram fechar os seus estabelecimentos fecharam-n'os á sua vontade e estavam no seu direito.

Os lojistas que quizeram substituir o gaz pelo petroleo ou pela stearina, substituíram-n'o usando do mesmo direito, que cada qual tem, de em sua casa ser rei.

E os lojistas que nem quizeram fechar nem abandonar a illuminação a gaz, não estariam tambem no seu direito incontestavel?

E' claro que estavam; mas alguns arruaçeiros quizeram contestar esse direito apedrejando-lhes as lojas, fazendo tumultos e gritaria defronte das portas; d'ahi um borborinho enorme, que augmentou ao saber-se que contra um dos chefes de policia — o sr. Almeida — fóra disparado um tiro de revolver, e que terminou por centenas de prisões que a policia effectuou no Rocio e nas ruas da baixa, e em que foram muitos innocentes, como acontece sempre aqui e em toda a parte aliás, no meio da confusão enorme d'esses tumultos na rua.

Como é natural, houve muitos protestos contra algumas d'essas prisões — protestos de que vem cheios os jornaes estrangeiros quando lá fóra se dão d'estes conflictos, mas o que é certo é que o fim a que a policia mirava foi immediatamente conseguido, que as arruaças cessaram e que d'essa noite em diante cada qual tem aberta ou fechada a sua loja, illuminada a gaz ou a petroleo, como muito bem lhe apraz.

Entretanto a poucos lojistas tem aprazido illuminar a gaz, e a greve mantem-se desde o principio do mez na mesma tensão, com muita honra para a tenacidade e para a solidariedade dos grévistas, mas com muito prejuizo para as ruas de Lisboa, que apresentam á noite o aspecto triste, soturno escuro de ruas de aldeia.

Qual será o resultado da greve?

A companhia do gaz manterá a sua elevação de preços ou cederá aos desejos dos commerciantes?

São variadas as opiniões a este respeito, as hypothèses de solução que correm sobre o assumpto, e para não fazer calculos errados, o mais prudente é esperar e sem prophécia, por que o resultado d'este conflicto não se pode demorar por muito tempo.

Acerca do outro caso gravissimo a que já aqui nos referimos rapidamente na nossa ultima chronica, o caso do convento das Trinas, as cousas estão ainda no mesmo pé e nada ha definitivamente e officialmente apurado.

A's horas em que escrevemos consta-nos que a policia parece ter achado emfim a verdadeira pista e estar no encaço do criminoso.

Se assim fór, e oxalá que assim seja para bem da justiça, para que os innocentes fiquem ilibados e os criminosos punidos, fallaremos então d'esse

crime ou crimes — porque por enquanto ainda não está apurado se se trata d'um singular ou d'um plural — e faremos os nossos commentarios e a nossa narrativa, narrativa e commentarios que nos temos abtido de fazer por ser extremamente melindroso o assumpto, por não haver base alguma solida para accusação ou defeza, por não querermos de forma alguma intentar a defeza de criminosos ou a accusação de innocentes.

Á ultima hora chega-nos a noticia d'um roubo importantissimo feito n'uma repartição do Estado por um alto funcionario: o roubo d'uma porção de coupons praticado na Direcção da Divida Publica, pelo chefe da repartição, que visava o pagamento dos coupons, e que foi já preso na Amieira, onde estava fazendo uso das aguas, por haver contra elle provas esmagadoras da sua criminalidade.

O roubo eleva-se a mais de vinte contos de réis e parece que data já de ha cinco annos!

Na proxima chronica daremos noticia mais circumstanciada d'este importante roubo, e tambem da grande catastrophe que acaba de ferir os povos da ilha Terceira, onde ha centenas de familias reduzidas á miseria pela inundação.

Ao favor d'essas pobres victimas vae já um grande movimento caritativo na imprensa de Lisboa, ha subscrições abertas em quasi todos os jornaes e pensa-se seriamente e activamente nos meios de alcançar donativos importantes para socorrer esses desgraçados.

Gervasio Lobato

DR. LOURENÇO D'ALMEIDA AZEVEDO

O nosso jornal commemora hoje o passamento do abalizado clinico e professor da Universidade, dr. Lourenço d'Almeida e Azevedo, fallecido quasi repentinamente no dia 18 de junho do corrente anno. A todos entristeceu a perda do illustre ornamento da medicina portugueza que era dotado de primoroso caracter, possuia notavel talento alliado ao melhor senso, sendo extremamente obsequioso e dedicadissimo aos seus amigos.

O dr. Lourenço d'Almeida e Azevedo nasceu no Coucieiro, districto de Villa Real em 1 d'agosto de 1833. Seu pae, João Corrêa d'Almeida Carvalhaes, por to que não tivesse grandes meios de fortuna, quiz proporcionar-lhe a devida educação mandando-o para Coimbra onde o novo estudante fez os exames de instrucção secundaria conseguindo matricular-se em 1849 no primeiro anno de Mathematica e de Philosophia como obrigado para seguir o curso da faculdade de Medicina.

Fomos seu condiscipulo nos dois annos da faculdade de Mathematica, e podemos dar testemunho do muito aproveitamento com que frequentou esta sciencia, na qual foi plenamente approvado, não sendo inferior a classificação que obteve nos tres annos da faculdade de Philosophia.

Em outubro de 1852 passou o dr. Lourenço para o primeiro anno de Medicina. Ahi e nos annos seguintes a Universidade condecorou-o sempre com as suas maiores distincções: os partidos ordenados nos Estatutos de 1772, e os premios creados na legislação de 1839. Em 1858, a 28 de junho, defendia o sextanista as suas theses, e a dissertação inaugural, cujo objecto foram as células; trabalho colhido nos ultimos progressos da sciencia, e sustentado na sala grande dos actos com o calor que só dá uma profunda convicção, e com o brilho proprio de um elevado talento.

E assim correu tambem a sustentação de todas as theses.

Fez exame de licenciado e tomou o respectivo grau em 16 de julho, e recebeu o grau de doutor a 31, tendo-lhe concedido o capello gratuito a portaria de 22 do referido mez e anno. Então para se alcançar esta honra, que sómente se dava ás faculdades de sciencias naturaes, eram precisas tres condições: haver falta de lentes, o aspirante a doutor ter talento transcendente, e não ser abundante de meios de fortuna. Hoje é sabido que as propinas dos doutoramentos em todas as faculdades foram abolidas desde 1870.

A faculdade tinha dez logares vagos de substituto extraordinario. Para um d'elles, devendo reger as cadeiras de *Clinica dos homens e das mulheres*, e *Pathologia medica*, foi logo despachado, a 4 de janeiro de 1859, o novo doutor, que em 1860 passou a substituto ordinario para as cadei-

ras de *Partos*, *Materia medica* e *Pathologia medica*, e em 1864 a lente cathedratico para *Pathologia e clinica cirurgica dos homens*, sendo transferido na occasião da nova reforma da faculdade em 1876 para a cadeira de *Tocologia*, e promovido a decano e director da mesma faculdade no anno de 1885.

Todas estas cadeiras foram regidas com a maior proficiencia e dignidade.

Em fins de 1855 e principio de 1856 appareceu em Coimbra a cholera morbus, e organisou-se hospital proprio para curar os doentes pobres. O director nomeado, que foi o lente de *Therapeutica* e *Pathologia*, o dr. Cesario Augusto d'Azevedo Pereira, conseguiu ter ao seu lado como principal ajudante o alumno do 4.º anno de Medicina, que era então Lourenço d'Almeida Azevedo.

Os valiosos serviços prestados n'aquelle estabelecimento, com o maior zelo e inexcedivel caridade, firmaram logo a sua reputação de clinico, e trouxeram-lhe honrosos testemunhos de estima e affecto, tanto do corpo docente da Faculdade, como dos seus collegas na pratica, e de todos os habitantes de Coimbra.

A eidade havia tomado o dr. Lourenço por filho extremecido, principalmente desde que o vio arriscar a vida para salvar os infelizes doentes atacados da epidemia; e em successivas votações o elegeu vereador municipal, recebendo sempre na troca de taes demonstrações os fructos do seu ingenho e actividade, que se encontram nas estradas que atravessam todas as freguezias do concelho, no edificio construido para os paços da Camara, e nos milhares de melhoramentos devidos á sua fecunda iniciativa.

O districto de Coimbra deveu-lhe tambem importantes serviços na qualidade de membro da junta geral, eleito varias vezes como seu representante. Ahi se estreitaram cada vez mais as nossas relações, trabalhando juntos na organização de projectos, que tendiam a reformar a administração publica, e a desenvolver a viação ordinaria. Ahi todos podemos admirar, até nas coisas menos graves, a extrema lealdade d'aquelle primoroso character.

Quando em 1884 a cholera morbus assolou Marselha, Toulon, e outras povoações da França, entrando em Hespanha, e chegando á fronteira de Portugal, o dr. Lourenço foi sem receio ao centro da epidemia, onde se demorou bastante estudando-a, e escreveu o livro: *A cholera morbus: sua prophylaxia e tratamento*; publicação feita na imprensa da Universidade, bem como a traducção na lingua franceza.

A Academia real de Medicina de Madrid conferiu-lhe o diploma de socio correspondente; o Instituto de Coimbra contava o entre os seus socios effectivos, e da Associação dos Artistas da mesma cidade havia recebido o titulo de socio honorario.

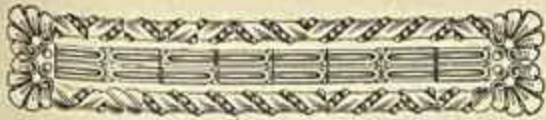
Era par do reino vitalicio desde 1882; nomeação devida ao seu grande merito, e obtida quando ainda residia na Universidade. Fundos e amargos desgostos obrigaram-n'o a deixar a faculdade, e a mudar para Lisboa, onde desempenhou os logares de vogal da junta de saude, e da secção permanente do Conselho Superior de Instrucção Publica.

Foi em 1835, que se vestiu de lucto a cidade de Coimbra, quando lhe constou a nomeação do dr. Lourenço para vogal da junta consultiva de saude publica, e portanto a resolução inabalavel de residir na capital, conforme exigia o exercicio do seu novo emprego.

Diferentes classes de professores, negociantes, proprietarios, industriaes e artistas, foram a sua casa pedir-lhe encarecidamente, que não abandonasse a terra a quem tanto favorecera, e que tão grande affecto lhe manifestára; e seguidamente enviaram ao seu amigo mensagem honrosissima que lhe mudaria certamente a resolução tomada, se o dever permittisse attender aos impulsos do coração.

Ahi, na cidade que o tomava pela sua providencia, nas duas camaras do parlamento, onde diversos oradores lhe prantearam a morte precoce, e descreveram as suas brilhantes qualidades; nas sentidas palavras de Souto Roiz, João Arroyo, Mariano de Carvalho, Elvino de Brito, Telles de Vasconcellos, Lopo Vaz, Jeronymo Pimentel, Oliveira Monteiro, Bernardino Machado, e do auctor d'estas linhas; nas diversas corporações scientificas e administrativas, que honrou com o seu talento e com o seu trabalho, se pôde vêr a viva saudade, manifestada nos maiores testemunhos de affecto consagrados á sua memoria. Nós perdemos n'elle o amigo intimo, sincero e dedicado, a quem nos prendiam fortes laços de amor e gratidão.

Antonio José Teixeira.



AS NOSSAS GRAVURAS

MAUSOLEU

DE ANTONIO AUGUSTO D'AGUIAR
NO CEMITERIO OCCIDENTAL

Realisou-se no dia 21 do mez passado a trasladação dos restos mortaes de Antonio Augusto de Aguiar para o mausoleu, que a Associação Industrial Portugueza, mandou construir no Cemiterio Occidental de Lisboa.

Esta cerimonia não teve a pompa que era de esperar, attendendo ao morto illustre de que se tratava, e para isso influio, além do esquecimento a que entre nós se votam os mortos, a questão religiosa que se prendia a este acontecimento, e que em tempo foi debatida na imprensa.

Esperou-se mais de um anno, depois de concluido o mausoleu, para se realizar a trasladação, na esperança de que se aplanariam as difficuldades que haviam para que a cerimonia se fizesse com o concurso da Igreja, mas as leis canonicas, não permitem que a Igreja preste o seu suffragio a maçons publicamente declarados como tal, e não foi possível deixar de cumprir a lei, no que não encontramos motivo de censura.

Assim a cerimonia foi puramente civil e mesmo assim pouco concorrida, notando-se a ausencia de muitos homens importantes, que pela posição e pelas relações que tiveram com Antonio Augusto de Aguiar alli deviam comparecer.

O cadaver foi transportado do jazigo de familia do sr. Ricardo Loureiro, onde fôra depositado, para o novo mausoleu, na carreta da Companhia Lanificios e Fiação Lisbonense, sendo o feretro coberto por uma bandeira portugueza e por muitas corôas, que tinham sido depositadas na occasião do enterro, accrescendo duas que foram agora postas, uma offerecida pelo Atheneu Commercial do Porto, e outra pela Associação Industrial Portugueza.

As corôas não poderam ser todas collocadas sobre o caixão e por isso foram transportadas em parte sobre uma outra carreta que precedia aquella em que ia o corpo.

A carreta que transportava o corpo foi conduzida por operarios da fabrica a que, já nos referimos, pegando ás borlas por turnos, varios cavalleiros pela seguinte ordem: primeiro turno de parentes e amigos de Antonio Augusto de Aguiar; segundo turno de representantes da Sociedade de Geographia; terceiro da Associação Commercial; quarto do Gremio Lusitano; quinto da Sociedade Pharmaceutica, escolas industriaes e corpo do commercio; sexto de industriaes.

O corpo seguiu a viuva e filhos do fallecido.

Ao chegar o feretro ao novo mausoleu, pronunciaram breves discursos o sr. Silva Amado, professor da Escola Medica, o sr. Alfredo da Silva, delegado da Associação Commercial e dos alumnos do 5.º anno do curso superior do commercio, e o sr. Gomes da Silva em nome do Gremio Lusitano.

Com as sentidas palavras d'estes cavalheiros terminou a funebre cerimonia derradeira homenagem prestada áquelle illustre morto que foi um bom patriota a quem o paiz deve bastantes serviços.

O mausoleu, como se vê na nossa gravura, é um monumento modesto, mas de muito merecimento artistico.

Foi planeado e executado pelo sr. José Pereira de Lima dos Santos, distincto escultor, discipulo da Academia de Florença, que se prestou a fazer o pela quinnia que Associação Industrial Portugueza poudo realizar para este fim com a subscrição que abriu e que produziu relativamente pouco.

Foi sem duvida o amor da arte que levou o artista a executar esta obra, e diga-se em verdade que satisfizes plenamente o fim a que se propoz.

O mausoleu mede na sua maior altura 5 metros e consta, como se vê na gravura, d'um pedestal quadrangular, assente sobre tres degraus e sobre o qual descansa o ataude.

Um anjo sentado sobre a tampa e empunhando uma espada defende os restos mortaes que alli repozam.

Na frente do pedestal vê-se um medalhão com o busto de Antonio Augusto de Aguiar e sobre os degraus pouza uma figura representando a Industria que offerece uma corôa de louros a Aguiar. Em frente d'esta figura um anjo representando o

genio da chimica, escreve o nome de Antonio Augusto de Aguiar no pedestal.

O monumento é todo de marmore de Italia e o medalhão de bronze.

Alli repozam os restos mortaes do benemerito portuguez, que foi gloria da sciencia e de Portugal.

O CLAUSTRO DE CELLAS

Ainda não vão longe os protestos que se levantaram contra a venda do claustro de Cellas, que o governo annunciara pelo ministerio da fazenda, onde devia ser arrematado no dia 10 de julho que findou.

O digno bispo Conde de Coimbra foi dos primeiros a sair a campo em defezo do precioso monumento, e a elle se seguiram outros protestos incluindo os de quasi toda a imprensa, que por este assumpto se interessou, despertada pelos primeiros toques a rebate.

Graças a esses justos clamores, que o governo tomou na devida consideração, o mesmo governo mandou suspender a venda, não se sabendo por em quanto qual o destino que dará ao claustro de Cellas, resto do mosteiro já em parte profanado.

O annuncio da venda declarava o seguinte: «Os capiteis do seculo XII (!) que existem no claustro d'este convento são excluidos d'esta venda por haverem sido concedidos ao Instituto de Coimbra, para serem guardados no museu archeologico, e o arrematante fica obrigado a consentir na sua extracção feita no seu logar a reparação necessaria pelo mesmo Instituto, para segurança da varanda que tem por apoio esses capiteis das columnas do claustro.»

Apesar d'esta clausula, que salvava em parte os capiteis, que são o que de mais importante se encontra no referido claustro, ella não satisfizes aos que se interessam por estas questões d'arte, no que nós tambem estamos de accordo, porque o valor e belleza da obra está no seu conjunto e não nos seus fragmentos.

O mosteiro de Cellas é um exemplar tão precioso e tão raro da arte portugueza, que destruil-o sobre qualquer pretexto seria um acto de verdadeiro vandalismo, e parece-nos bem que não foi para isto que se creou ainda ha pouco um ministerio de Instrucção Publica e Bellas-Artes!

Poder se-ha, quando muito, trasladar-se cuidadosamente esta peça d'arte do local onde está, para outro, se assim é indispensavel; mutilal-a, porém, é inutilisal-a para o estudo das nossas coisas d'arte, e isto n'uma época em que se estabelecem pelo paiz as escolas de desenho e artes industriaes, para educação artistica do povo, é uma falta de coherencia que não abona os conhecimentos d'arte e de sciencia de quem tal permitir.

O mosteiro de Cellas toma o nome da povoação onde está, nos arrabaldes de Coimbra, parecendo porém que a povoação tomou o nome de Cellas por assim se denominar o mosteiro que D. Sancha, filha de D. Sancho I, ali mandou edificar para n'elle recolher umas *encelladas* (?) que viviam em Alemquer, onde a nobre senhora esteve depois da morte de seu pae.

Como em Coimbra haviam outras *encelladas* que viviam em *cellas* denominou a sua fundadora o novo mosteiro de *Cellas de Voimarães* por ser este o nome da quinta em que o fundou.

Foi sagrado o templo pelo bispo D. Americo a 13 de junho de 1293 segundo as opiniões mais auctorizadas.

Concluido o mosteiro n'elle foi viver e n'elle morreu a sua fundadora, sendo o seu cadaver trasladado para Lorbão.

D. Thereza, irmã de D. Sancha, tomou sob a sua protecção, como lhe havia recommendado a virtuosa fundadora o mosteiro, e augmentou-o em rendas e edificações e em freiras, tendo ali vivido muitas damas de alta nobreza, como a abbadessa D. Leonor de Vasconcellos, filha do conde de Penella, D. Alfonso de Vasconcellos e Menezes, a qual mandou reformar a igreja, que é de excellente e admiravel estrutura (!)

Outras obras ainda mandou fazer D. Leonor de Vasconcellos e entre ellas o bello portico de entrada.

O que ha, porém, de mais notavel n'este mos-

(1) Altaz seculo XIII, principios do seculo XIV.
(2) Chamavam-se *encelladas*, *emparedadas* ou *reclusas* as mulheres que viviam recolhidas em pequenas casas denominadas *cellas* que recebiam ar e luz apenas por uma estreita fresta.

(3) *Guia do viajante em Coimbra*, por Augusto Mendes Simões de Castro.

teiro é o formoso claustro que reproduzimos em gravura, copia de uma photographia do sr. Sor-toris, e que um nosso bom amigo se empenhou em obter e nos enviou a nosso pedido, o que aqui lhe agradecemos por nos permittir dar assim aos nossos assignantes uma gravura que na actualidade tem tão grande interesse.

N'um folheto que temos presente e que foi publicado por occasião dos protestos que se levantaram contra a venda do claustro, encontramos uma discripção d'esta obra d'arte, que transcrevemos.

«O antiquissimo mosteiro de Cellas, aros da cidade de Coimbra, foi ha dez annos extinto, pela morte da ultima freira.

«Aberto pela primeira vez ao publico, motivou uma justificada surpresa a parte antiga do claustro, porque ninguem conhecia a existencia d'um tão precioso monumento.

«Dos quatro lanços sómente dois provem dos principios do seculo XIV; os outros dois, de ordem toscana, não merecem menção especial.

«Ha um estilobato geral; sobre elle assentam as arcadas, de cintro pleno e pequenina dimensão, com columnas geminadas e capiteis cubicos ornados em todas as quatro faces de ornatos e figuras representando passagens da vida da Virgem, do Christo e lenda dos santos.

«Seria pueril pretender dar aqui uma idea d'aquella arte tão ingenua e ao mesmo tempo tão expressiva e tocante. Ha scenas d'uma candura, d'uma belleza e d'um sentimento palpante São exemplares delicados, como estylo e como execução, da esculptura que transpõe o periodo hieratico romanico, para a iniciação da arte gothica.

«A pedra d'Ançã, difficilmente resistindo ás intemperies, apresenta estragos lamentaveis, que continuarão em progressão crescente. A carga d'uma galeria superior desaprumou os fustes; e a derrocada completa e irremedavel pouco se poderá fazer esperar.

«Tal é, n'um só traço indicado, o objecto de que se trata: uma bella obra da época de D. Diniz (a), especimen formosissimo e unico no seu genero.»

O COURAÇADO CHILENO

«PRESIDENTE ERRAZURIS»

Esteve no porto de Lisboa o couraçado chileno *Presidente Errazuris* que acabou de sahir dos estaleiros da *Societè des Forges et Chantiers de la Méditerranée* de Tolon, o qual na sua pouca idade tem já uma historia curiosa.

Este couraçado foi mandado construir com mais outro e um cruzador, pelo governo da Republica do Chile, antes de rebentar a revolução de janeiro d'este anno, que devidiu aquella republica em dois partidos, o do presidente Balmaceda e o dos congressistas, assim denominados por terem formado um congresso governativo.

O que deu causa a esta divisão ou formação de dois governos, foi a camara não ter approvado o orçamento apresentado pelo presidente Balmaceda, e este, em virtude da resolução do parlamento, tel-o encerrado e declarado-se em dictadura, assumindo todos os poderes legislativo, executivo e judiciario.

Em vista d'este procedimento de Balmaceda, a camara constitui-se em congresso em opposição ao governo do presidente e revolucionando-se, ficando o paiz devidido em guerra e occupando os revoltosos as provincias do sul e os governanteas as do norte.

É importante o partido dos congressistas ou revoltosos, pois tem por si parte do exercito e toda a marinha, obrigando o presidente Balmaceda a sustentar uma lueta extraordinaria para defender as suas prerrogativas.

Encontrando-se o governo de Balmaceda sem marinha de guerra, resolveu lançar mão dos couraçados que se acabavam de concluir em França e para este fim enviou a Tolon tres secções de infantaria e de artilheria para tomarem posse d'aquelles navios e formarem parte da sua tripulação.

Os congressistas, porém, que tem em Paris um representante devidamente auctorisado, oppozeram-se á entrega dos couraçados reclamando que só fossem entregues a elles como o unico governo legal do Chile constituido pelas camaras, depois do golpe de estado do presidente Balmaceda. Os congressistas solicitaram a intervenção do governo francez como arbitro por cada uma das partes, e tomando esta questão um caracter judicial po- que os congressistas requereram o sequestro dos

(1) Toda a gente sabe que o reinado de D. Diniz marca na historia da arte portugueza um periodo de extraordinaria florescencia.

navios, os tribunaes da França sentenciaram que estes fossem entregues ao governo do Chile, apesar dos congressistas terem previamente entregado à *Société des Forges et Chantiers de la Méditerranée*, dois milhões de francos de garantia.

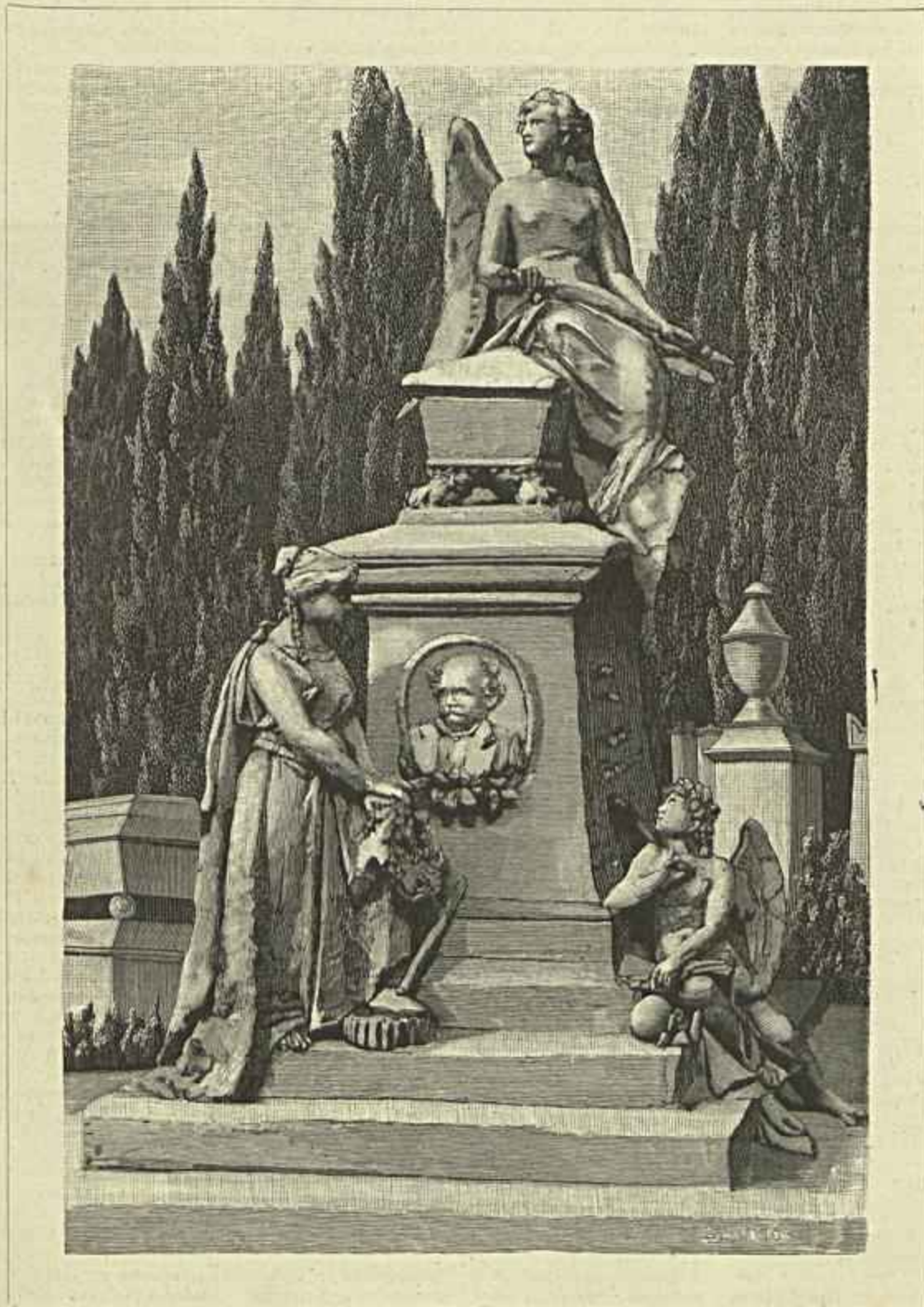
Começa aqui a vida aventureira do couraçado *Presidente Errazuris* vogando de porto em porto, sem tripulação competente e em busca d'ella sem

dinheiro para pagar aos contratados e de ser um perigo eminente para esses contratados o embarcarem-se n'um navio que será preseguido pela marinha Chilena que, como se sabe, está do lado dos revoltosos, e não ter a guarnição necessaria e amestrada para se defender com vantagem.

O *Presidente Errazuris* é um magnifico couraçado que mede entre prependiculars 81,50 e

marinheiros, o qual foi preso pela policia de Lisboa.

O outro couraçado chileno denominado *Presidente Pinto* ao sahir de Tolon para se fazer ao mar com rumo a Genova, em busca de tripulação, encalhou nos baixos da barra, d'onde custou a desenganhar com o auxilio que lhe deram. Tambem não tem sido mais feliz que o seu irmão.



MAUSOLEU DE ANTONIO AUGUSTO D'AGUIAR, NO CEMITERIO OCCIDENTAL

PARA ONDE FORAM TRASLADADOS OS SEUS RESTOS MORTAES NO DIA 21 DE JULHO DE 1891

(Segundo photographia)

a encontrar. Em Tolon nenhum marinheiro se quiz contratar para embarcar no couraçado. Em Marselha aconteceu a mesma cousa e em Lisboa, onde aportou a 25 do mez passado, não foi mais feliz.

Esta falta de tripulação é resultado dos governos da Europa, em vista da guerra do Chile terem resolvido conservar-se na neutralidade, não permitindo o embarque de marinheiros das suas nacionalidades.

Accresce ainda as circumstancias de não haver

de bocca 10,000; deslocamento de 2:600 toneladas com as machinas da força 5:400 cavallos e velocidade de 19 milhas.

O seu armamento consta de 4 canhões Canet de 15 centímetros e 2 de 12 centímetros; 4 Hotchkiss de tiro rapido; 4 canhões revolver, 2 metralhadoras e 3 tubos lança torpedos.

Este couraçado sahiu do porto de Lisboa no dia 4 do corrente sem ter conseguido arranjar tripulação, apesar das diligencias que para isso fez um agente que veio a terra ver se engajava

AS GUERRAS DA ZAMBEZIA

I

Acaba o sr. Augusto de Castilho de publicar um livro verdadeiramente interessante, mas que infelizmente não poderá ser muito conhecido do publico, porque tem um caracter official, intitula-se *Relatorio da guerra da Zambesia em 1888*, e forma um

volume *in-quarto* de mais de 200 paginas. Não se advinha facilmente que esse livro constitua uma pagina das mais interessantes da nossa moderna historia colonial, nem mesmo que é acompanhado por um excellente mappa e preciosas gravuras. Se nós conseguirmos chamar a attenção publica para essa obra primorosa, teremos satisfeito o nosso intento, mas, analysando-a e resumindo a perfunctoriamente, daremos aquelles que não poderam adquiri-la ou lê-la uma ideia clara não só do muito que o livro vale, mas tambem da interessantissima narrativa que elle encerra.

Todos teem ouvido fallar no Bonga, todos conhecem, mais ou menos pela fama, a historia d'aquella desgraçada expedição da Zambesia, que se realizou durante o consulado do Sr. Latino Coelho quando ministro da marinha, e que tantas victimas fez, e tão deploraveis e vergonhosas recordações deixou, mas os seus antecedentes e os seus consequentes não os conhece de certo o publico, e é d'is-

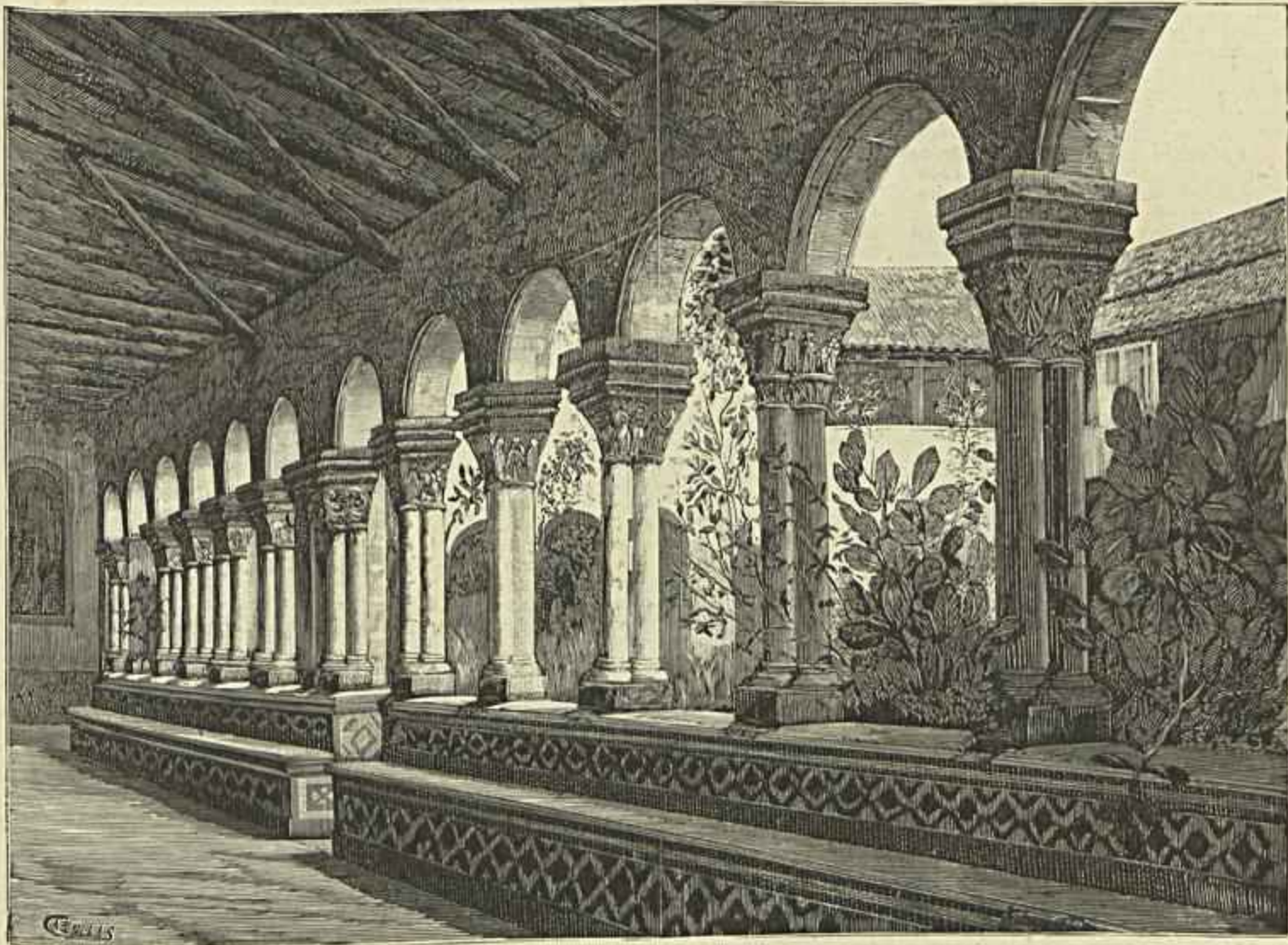
em Gaza junto do Gungunhana, e a propria expedição de Túngue, e a submissão dos revoltados de Massingire o obrigaram a pospôr uma expedição que demandava acertados preparativos, nunca deixou de considerar a pacificação da Zambesia como um dos assumptos mais importantes de que desejava occupar-se.

Vejamos porém como principiaram essas vergonhas da Zambesia. A historia é instructiva, mostra bem o desamparo em que por muitos annos deixámos o Ultramar, o desacerto com que muitas vezes o temos dirigido, mostrou contudo tambem que a situação tem melhorado mais lentamente do que seria para desejar, mas que alguma coisa se tem feito, e muito mais se poderá fazer.

Nas terras da Zambesia dominou por largos annos a familia dos Bongas, ou antes a familia Cruz visto que *bonga* é a designação de um chefe e não o appellido de um homem ou de uma familia. Esses Cruz são oriundos da Asia, de Macau, ou da India.

O Chiopombo fez um supremo esforço, reuniu os seus pretos dispersos, caiu sobre as tropas portuguezas, derrotou-as, aprisionando e matando o illustre major Truão. O vencedor recompensou o traidor que lhe dera a victoria, e que suppunha que a traição ficaria secreta e impune. Contudo, ou porque a sua attitude no combate houvesse parecido suspeita, ou porque chamasse a attenção o facto singular de Chiopombo ter dado uma filha sua ao Bereco, o que é certo é que o Bereco, ou Joaquim Vicente da Cruz, quando se apresentou em Tete com a maxima imprudencia, foi preso, interrogado, enviado para Moçambique e lá enforcado sem detença. Tempos que já lá vão! Não é da força que temos saudade, é da rapidez com que se procedia.

O Bereco deixara descendente. Era um filho, chamado Joaquim José da Cruz, conhecido pelo Inhaude. É figura mais epica do que a do primeiro, e a sua historia mais larga e interessante. Por isso, não



O CLAUSTRO DO MOSTEIRO DE CELLAS

(Segundo uma photographia de Sortoris)

so que procuraremos informal-o rapidamente, sempre tomando por guia o brilhante escriptor e brilhantissimo governador de Moçambique, o sr. Augusto de Castilho, que ligou o seu nome á reivindicção de possessões portuguezas em Moçambique, e á rehabilitação da honra portugueza, conspurcada durante muitos annos pelas vergonhas da Zambesia.

O signatario d'estas linhas teve a honra, quando foi ministro da marinha, de nomear governador de Moçambique o sr. Augusto de Castilho. D'isso se ufana, como tambem se gloria de o ter auxiliado na brilhante iniciativa que tomou de restabelecer o dominio portuguez em Túngue, de que o sultão de Zanzibar nos esbulhára. Essa empreza levou-a depois a cabo o sr. Augusto de Castilho, quando já era outro o ministro da marinha e ultramar. As gloriosas expedições que pozeram termo enfim á vergonha da Zambesia tambem o sr. Augusto de Castilho as empreheu n'este periodo, o signatario d'este artigo apenas pode lembrar que foi essa tambem uma das suas occupações, e, se a occupação de Manica, o restabelecimento do dominio portuguez

Acham-se estabelecidos em Moçambique, pelo menos desde os fins do seculo passado, e o primeiro que se assignalou pelos seus crimes e malfcitorias foi um Joaquim Vicente da Cruz, conhecido pelo Bereco. Vivia no principio d'este seculo; e no tempo em que o governo de Rios de Senna estava confiado a um dos mais notaveis governadores ultramarinos que tivemos n'essa epoca, o major Villanova Truão, era o tal Bereco designado pelo nome de capitão Cruz. Acompanhou elle o major Truão na guerra que empreheu nas terras de Monotapa, sendo encarregado da condução das munições de guerra, e deu isso ensejo á primeira traição e ao primeiro crime de tão nefanda familia.

Truão derrotou completamente o regulo Chiopombo, e tomou muitos territorios entre Tete e Chicoca. Nos combates que travara, despendera naturalmente em abundancia as munições que não podia renovar; mas não carecia d'isso porque o Chiopombo estava em completa derrota. Foi então que o Bereco participou secretamente ao regulo que as tropas portuguezas não tinham polvora, ou que a pouca que tinham estava nas mãos d'elle que a não daria.

a queremos dar mutilada aos nossos leitores. Reservamola para o artigo immediato.

Pinheiro Chagas.

OS EXCENTRICOS DO MEU TEMPO

O LOPES DO PATRIOTA

Este ainda vive, e sei com certeza que me não hade levar a mal o pôl-o em letra redonda. Ha um anno, pouco mais ou menos, encontrei eu, dirigindo-me a S. Pedro de Alcantara, um velho de physionomia aberta, alegre e saudavel; fardado de panno côr de pinhão, trazendo na cabeça um bonet de pala, e arrimando-se a uma tósca bengalia, mais por habito contrahido, do que por necessidade de se servir d'ella.

ceia que o esperava martelava-lhe de continuo na imaginação.

Deu poderes discricionarios ao medico para proceder como melhor entendesse, recommendando a Benard que cumprisse tudo que elle lhe ordenasse, e retirou-se para os seus aposentos.

Pela sua parte este mandou logo apromptar uma cadeirinha em que foi cuidadosamente mettida Anninhas; e, conduzida por dois homens da confiança do medico, deu entrada effectivamente no hospital da Misericordia n'essa mesma noite.

Depois das enfermeiras a deitarem, o ajudante recebeu ordem para ficar na companhia de uma d'ellas, guardando o somno da enferma.

Annhinas deixara-se conduzir até ali com maxima docilidade, mas a febre, que tendia a augmentar, poderia produzir algum delirio de consequencias graves para ella.

O ajudante mostrava uma visivel inquietação. Mas enfim consolava-o a certeza de que, morta ou viva, Anninhas estava de novo junto de si. Os leitores terão adivinhado quem elle era?

(Continúa)

Julio Rocha.

que tem, para que é que os compradores convidam á venda offerecendo cada vez maior premio? O que superabunda barateia e no entanto a prata cada vez tem maior agio, o que bem mostra que ha mais vontade de comprar do que de vender, e se tanto afan ha em comprar-a não é para facilitar o giro, mas sim para a monopolisar e depois fazer valer tanto mais quanto ella escassear na circulação.

Se hoje ha quem ganhe com este negocio muito mais ganhará amanhã, e porque este ganho é importante e n'elle andarão envolvidos capitães tambem importantes, talvez seja mais isto que faça com que não se prohiba tão bom negocio, do que o receio de metter na cadeia todos os cidadãos portuguezes por todos comprarem e venderem e a prohibição para nada servir.

Alguma vez os governos haviam de declarar a insufficiencia da sua força para fazer cumprir uma lei, que a maioria da nação está pedindo e que nós fomos dos primeiros a alvitrar.

E é porque a politica em tudo se mette e de tudo se serve para seus fins, que em Portugal os governos não podem governar desassombadamente eternamente agrihoados á urna, a todas as influencias

Os nossos leitores já devem saber que os lojistas de Lisboa fizeram parede contra as exigencias de augmento de preço do gaz feito pelas companhias do dito.

Uns fecharam as portas dos seus estabelecimentos ao bater das ave-marias e outros passaram a illuminar-os com petroleo e velas.

Vae d'ahi a politica quiz vêr n'isto uma manifestação republicana e dá á republica em Lisboa uma maioria de todos os diabos, porque os estabelecimentos fecharam-se quasi na totalidade e os que não fecharam illuminaram a petroleo e velas, ficando o gaz n'uma minoria microscopica.

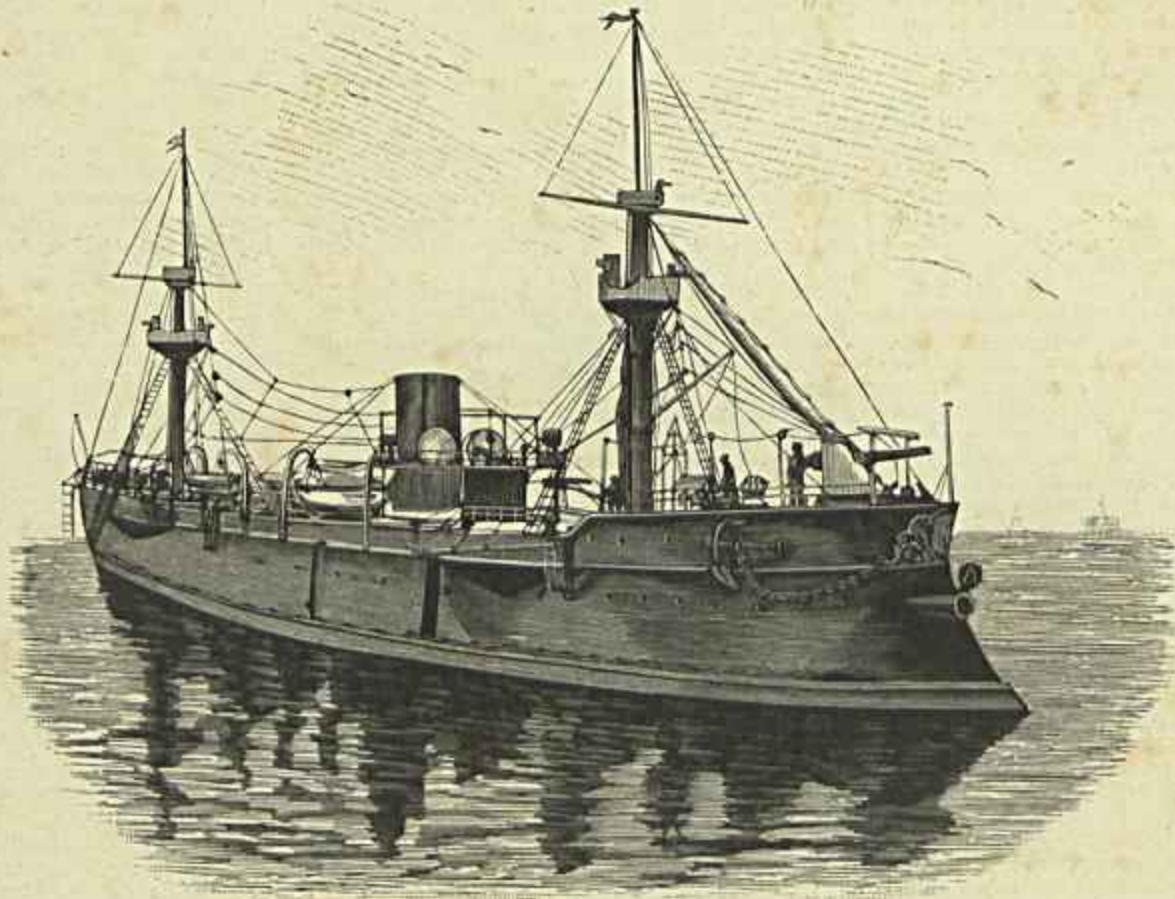
Para reclamo á republica e ao petroleo não podia haver nada melhor, alem de que a republica com o petroleo sempre se deu muito bem.

João Verdades.



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:
Os Excentricos do meu tempo por L. A. Pal-



O COURAÇADO CHILENO «PRESIDENTE ERRAZURIS»

(Segundo photographia)



REVISTA POLITICA

No dizer do jornal do sr. ministro da fazenda, e prohibir com penas de multas e até de prisão, os que traficarem na venda e compra de moeda nacional, não daria resultado nenhum pratico para cohibir esta nova industria, porque, no dizer do mesmo jornal, teria que se multar ou metter na cadeia toda a população de Portugal, salvo seja, que nós não entramos na conta; mas o articulista que diz que são todos, lá tem as suas razões.

Com que então se não houvesse quem vendesse não havia quem comprasse; pois por esse mundo ha muito quem queira vender muitas coisas sem ter quem lh'as compre, mesmo sem ser negocio prohibido, mas segundo a theoria do citado jornal sempre que haja offerta deve haver por força procura.

E eis a que a politica leva as cabeças, por ventura melhor organisadas.

Segundo estas theorias é inutil prohibir o jogo de parar porque todos mais ou menos gostam da botota, para nada serve o prohibir o roubo, attenta a grande quantidade de malandros que vegetam por esse mundo, e até prender os perturbadores da ordem publica, quando esses perturbadores são tantos que só n'uma rusga se apanham aos 500 incluindo os cidadãos pacificos.

Mas se todos querem vender a moeda de prata

que com ella se prendem, accrescendo agora mais do que nunca o estarem sujeitos ás imposições do capital que manda como quem póde.

Se até se diz que a crise monetaria mais se tem aggravado pelos manejos dos republicanos que andam açambarcando por toda a parte a moeda de prata, de cobre e as notas pequenas. Imagine-se o capital de que dispõem a republica em Portugal, e como os proprios monarchicos lhe estão fazendo reclamo, insinuando que já agora só com a republica é que apparecerá moeda sonante.

E para não enchermos esta revista só com a questão monetaria, que apesar de ser a questão mais palpitante é tambem a que mais se tem discutido, vamos pôr lhe ponto por hoje dando apenas mais a noticia de que o governo consultou a procuradoria geral da corôa sobre se tinha faculdades legais para prohibir a emissão de cedulas representativas de dinheiro, por particulares.

Diz-se que a procuradoria da corôa respondeu affirmativamente e que o governo vae prohibir a tal emissão.

A nós parece-nos que se devia ter prohibido assim que appareceram ou se espalhou que iam apparecer as primeiras cedulas particulares, porque é facil de prever os perigos de semelhantes emissões se se deixassem fazer livremente confiando-se apenas no bom senso publico que as recusasse.

Agora vamos ao gaz onde tambem a politica anda mettida, e d'esta vez fazendo ainda maior reclamo á republica.

meirim. Lisboa Imprensa Nacional, 1891, 1 vol. de 374 pag in-8.º. Conheciamos já parte d'este livro, por termos lido alguns capitulos publicados nos jornaes, e porque o seu auctor teve a amabilidade de nos lêr outros antes de virem a publico; pois apesar d'isto lêmos agora da primeira á ultima pagina o volume com que o sr. Palmeirim nos brindou, e em cada capitulo, em cada pagina encontramos uma recordação do passado, nos bons typos que ali descreve, despretenciosamente, no seu estylo natural, em bom portuguez corrente, sem esforços de linguagem pedante, de erudição mal degirida, com que se pretende suprir a ausencia do talento e até do censo commum.

E um livro hem escripto e bem portuguez n'um genero em que muito pouco se tem escripto entre nos, e de que apenas conhecemos a *Lisboa de Hontem*. De Julio Cesar Machado, o primoroso folhetinista que tão tragico fim deu a seus dias.

Os Excentricos do meu tempo, todos podem lêr, o que hoje é uma qualidade que não é para desprezar. Em qualquer dos seus capitulos encontramos de par com as excentricidades dos personagens que nos descreve, curiosos dados historicos d'uma das épocas mais agitadas do nosso paiz, em que brilharam tantos portuguezes de que parece se vae perdendo a raça. É um d'esses capitulos que n'outro logar reproduzimos, como especimen do livro por tantos titulos recommendavel.

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43